



O CRISTÃO E AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS ética luterana entre Criação e Nova Criação¹

*THE CHRISTIAN AND CLIMATE CHANGE
lutheran ethics between Creation and New Creation²*

Aline Weimann Gatsk³ e Alexander Stahlhoefer⁴

RESUMO

No presente artigo, propõe-se uma concisa abordagem sobre o posicionamento ético-ambiental da pessoa cristã diante da problemática das mudanças climáticas, que suscitam diversos questionamentos teológicos, dentro de um denominado horizonte escatológico, ou seja, que estima e considera como fundamental sua colocação dentro das dimensões integráveis da Criação e da Nova Criação. Em um primeiro momento, procura-se apresentar um breve panorama das principais discussões ético-ambientais na atualidade, desde aquelas do âmbito geral até aquelas que são propriamente cristãs. Em um segundo momento, propõe-se a abordagem

¹ Artigo recebido em 04 de novembro de 2025, e aprovado pelo Conselho Editorial em 25 de novembro de 2025, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² A pesquisa apresentada neste artigo é derivada do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora Aline Weimann Gatsk, sob a orientação do coautor Alexander Stahlhoefer, realizado no curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Luterana de Teologia. O TCC, intitulado O cristão e as mudanças climáticas: ética luterana entre Criação e Nova Criação (GATSK, 2025), pode ser consultado na íntegra e está disponível na Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul. Referência completa: GATSK, Aline Weimann. **O cristão e as mudanças climáticas: ética luterana entre Criação e Nova Criação**. 2025. 117p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) — Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, 2025.

³ Aline Weimann Gatsk é Bacharela em Teologia pela FLT – Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul, SC. Atualmente é Ministra Candidata ao Ministério Pastoral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em Carazinho, RS. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3782-7062> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1229191921768213> E-mail: aline.gatsk@flt.edu.br.

⁴ Alexander de Bona Stahlhoefer (Dr.) é professor de História da Igreja, Teologia e Filosofia Contemporânea na Faculdade Luterana de Teologia em São Bento do Sul, SC, Brasil. Doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia da Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg, Bayern, Alemanha. Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia em São Bento do Sul, SC, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3461-9472>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1048614488941228>. E-mail: alexander.stahlhoefer@flt.edu.br.

de três textos do reformador Martinho Lutero, que tratam sobre o tema da Criação, mais especificamente textos referentes ao livro de Gênesis e à Epístola aos Romanos 8.19-25. Em seguida, é trazida uma abordagem mais detalhada da recepção da Teologia da Criação de Lutero pelo teólogo luterano Oswald Bayer, que não se restringe ao reformador, mas traz contribuições relacionadas do denominado filólogo da cruz, Johann Georg Hamann. Para concluir, propõe-se a análise crítica de alguns pontos teológicos de diversos documentos publicados pela ou vinculados à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que abordam a temática ambiental, e notadamente os desafios infligidos pelas mudanças climáticas, de modo que seja motivada a busca por caminhos para a continuidade de sua reflexão.

Palavras-chave: Mudanças climáticas. Ética luterana. Escatologia.

ABSTRACT

This article proposes a concise approach to the ethical-environmental position of Christians regarding the issue of climate change, which raises various theological questions within a so-called eschatological horizon, that is, one that values and considers fundamental its place within the integrable dimensions of Creation and New Creation. First, we seek to present a brief overview of the main ethical-environmental discussions today, from those in the secular sphere to those that are specifically Christian. Secondly, we propose to address three texts by the reformer Martin Luther that deal with the theme of Creation, more specifically texts referring to the book of Genesis and the Epistle to the Romans 8.19-25. Next, a more detailed approach is taken to the reception of Luther's Theology of Creation by the Lutheran theologian Oswald Bayer, which is not restricted to the reformer, but also includes related contributions from the so-called philologist of the cross, Johann Georg Hamann. Finally, a critical analysis is proposed of some theological points from various documents published by or linked to the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB) that address environmental issues, notably the challenges posed by climate change, in order to motivate the search for ways to continue this reflection.

Keywords: Climate change. Lutheran ethics. Eschatology.

1 INTRODUÇÃO

Uma canção country norte-americana expressa de forma singular:

Senhor, quando eu morrer
Quero viver nos arredores do Céu
Onde há estradas de terra por quilômetros
E feno nos campos, e peixes no rio
Onde há árvores de *dogwood* e abelhas
E céu azul, e grama verde para sempre
Então, Senhor, quando eu morrer

Quero viver nos arredores do céu⁵. (tradução própria)

O ser humano, de forma consciente ou não, é ligado à terra na qual Deus o criou, de forma que pode expressar, como nessa canção, o desejo de que na eternidade se veja também envolto pela boa Criação de Deus. No entanto, com as mudanças climáticas, a realidade se apresenta notoriamente desordenada, o que incide no questionamento de como lidar com o presente e com o futuro em relação à Criação diante da realidade da Nova Criação e se haveria alguma plausibilidade para algum tipo de posicionamento proativo ou passivo diante do meio ambiente. Esses questionamentos apontam para a possível ligação que há entre Criação e Escatologia e para compreender essa relação e seus desdobramentos para as considerações ético-ambientais diante da realidade das mudanças climáticas, se faz significativa a pesquisa que se ocupe com as discussões ético-ambientais da atualidade e, por conseguinte, as reflexões dentro do âmbito de confessionalidade luterana através de livros e documentos de referência, bem como de documentos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que tratem da problemática em estudo.

2 ÉTICA AMBIENTAL: PRINCIPAIS CONCEITOS E DISCUSSÕES

Em sentido lato, ética consiste no estudo da “conduta do ser humano”⁶, que dentro da ética ambiental passa a se referir não somente entre os seres humanos, mas também entre os seres humanos e a natureza⁷. O campo da ética ambiental é consideravelmente recente e é dividido comumente em duas fases, sendo a primeira a dos anos 1713 a 1913, concernente às discussões provenientes da constatação da possível limitação de recursos naturais com a Revolução Industrial; e a segunda fase a partir da década de 1970, com aspecto mais amplo protagonizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), com ênfase na problemática da pobreza⁸. Em 1972, o Clube de Roma publicou o relatório **Os limites do crescimento**, em que informa que o crescimento econômico conduziria o mundo a problemas de escassez de matérias-primas e, conseqüentemente, à ameaça da vida humana⁹. Ainda na década de

⁵ ZEIDERS, Warren. *Outskirts of Heaven*. In: **Pretty Little Poison (Deluxe)**. [S. l.]: Warner Records, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5KXbyzTssczxOk7CGV3pSD>. Acesso em: 3 nov. 2025. “*Lord, when I die/ I wanna live on the outskirts of Heaven/ Where there's dirt roads for miles/ And hay in the fields, and fish in the river/ Where there's dogwood trees, and honey-bees/ And blue skies, and green grass forever/ So, Lord, when I die/ I wanna live on the outskirts of Heaven*”.

⁶ WIESE, Werner. **Ética fundamental**: critérios para crer e agir. São Bento do Sul, SC: União Cristã, 2008, p. 21.

⁷ OTT, Konrad; DIERKS, Jan; VOGET-KLESCHIN, Lieske (Hrsgs.). **Handbuch Umweltethik**. Stuttgart: J. B. Metzler, 2016, p. 20.

⁸ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 66.

⁹ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 64.

1970 surgiram os movimentos ecológicos¹⁰, bem como a disciplina da bioética — da qual a ética ambiental faz parte¹¹ —, e desde a década de 1980 têm sido pautadas questões como o “subdesenvolvimento” e a descolonização¹². Como parte ainda das discussões ético-ambientais destacam-se suas perspectivas, a justiça climática e a responsabilidade, a seguir brevemente explanadas.

2.1 PERSPECTIVAS ÉTICO-AMBIENTAIS: DO ANTROPOCENTRISMO ÀS ALTERNATIVAS FISIOCÊNTRICAS

Dentro da ética ambiental encontram-se diferentes perspectivas, desde a antropocêntrica até às fisiocêntricas. Segundo a concepção antropocêntrica, o ser humano é detentor de uma posição especial e o único a ser considerado dentro das reflexões éticas¹³. Normalmente essa concepção é associada ao cristianismo com seu mandato de domínio e foi criticada por nomes como Lynn White, Ludwig Klages e Carl Amery¹⁴, que apontaram para o cristianismo como o grande responsável

¹⁰ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 94-95.

¹¹ Inicialmente fazia parte das discussões bioética somente as questões de cunho médico e somente mais tarde é que passou-se a refletir também sobre questões ecológicas. (POZETTI, Valmir César; COSTA, Francimara Souza; NETO, Aluizio da Silva Ribeiro. Ética, bioética e questões ambientais: um olhar reflexivo sobre a sustentabilidade. In: **Administração de empresas em revista**. Curitiba, v. 3, n. 33, jul./set. 2023, p. 1008. Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/6626>. Acesso em: 31 mai. 2025)

¹² Para saber mais, leia OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 64-65.

¹³ Reder promoveu a distinção entre antropocentrismo no sentido forte ou exclusivo, no qual somente os seres humanos são detentores da moralidade, do antropocentrismo fraco ou inclusivo, no qual o ser humano é o detentor maior da moralidade, porém sem desconsiderar os outros seres. (REDER, Michael; GÖSELE, Andreas; KÖHLER, Lukas; WALLACHER, Johannes. **Umweltethik**. Eine Einführung in globaler Perspektive. Stuttgart: W. Kohlhammer GmbH, 2019, Antropocentrismo (*Anthropozentrismus*). Disponível em: <https://pt.everand.com/read/424604504/Umweltethik-Eine-Einführung-in-globaler-Perspektive#>. Acesso em: 12 maio 2025)

¹⁴ Amery culpou a Igreja por ter optado em fugir da realidade do mundo, em detrimento de viver no mundo. IRRGANG, Bernhard. **Christliche Umweltethik**: eine Einführung. München: Reinhardt, 1992, p. 177-178.

pela crise ecológica¹⁵. Com o Iluminismo, René Descartes¹⁶ e Francis Bacon adotaram a compreensão bíblica e a secularizaram¹⁷. Vale destacar o pensamento de Bacon¹⁸, a saber, que a natureza possui em si um potencial tecnológico a ser desenvolvido criativamente pelo ser humano, como imagem de Deus que é, pensamento este que impactou profundamente a Revolução Industrial¹⁹. Devido a esses caminhos históricos, considera-se, geralmente, que o descaso para com a natureza se trata de uma consequência direta da secularização do mandato de domínio concedido por Deus ao ser humano²⁰.

Diante disso, autores como Christof Hardmeier²¹ e Konrad Ott²² propõem o resgate da significância original das duas narrativas bíblicas da Criação, isto é, que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus e recebeu a vocação de governar a Criação — o assim chamado *dominium terrae* —, que não significa um domínio irrestrito sobre a Criação, mas sim o domínio *coram Deo*, que implica cuidado e responsabilidade. Com a Queda, a compreensão correta do *dominium terrae* foi deturpada. Em vista disso ocorre a diferenciação entre natureza e Criação, onde a primeira é considerada uma categoria, e a segunda como um modo de existência *coram Deo*²³. Bernhard Irrgang²⁴, que apresenta uma proposta de reflexão propriamente cristã da ética ambiental, sustenta que a esperança decorrente da escatologia cristã não contribui para o desprezo ao mundo terreno, pois sua destruição não é proclamada e sim somente um tipo de conclusão²⁵. Importa a análise das acusações

¹⁵ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 183.

¹⁶ Segundo a compreensão de Descartes, a natureza não deve mais ser entendida como um organismo vivo, como era na Idade Média, e sim como uma máquina que possui matéria e movimento. Por conseguinte, a natureza não deve mais ser refletida com base nas Escrituras Sagradas e sim com base nas ciências. Vale mencionar ainda sua proposição dualista de ser humano como sujeito (*res cogitans*) e natureza como objeto (*res extensas*), de forma que natureza e ser humano foram separados. (JERONIMO, Maria Keila; CARVALHO, Denis Barros. A natureza, a técnica e a emergência de uma ética ambiental. In: **Revista Húmus**. São Luís, vol. 11, n. 32, 2021, p. 35-56. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/16476/0> Acesso em: 31 maio 2025)

¹⁷ IRRGANG, 1992, p. 27.

¹⁸ A Bacon pertence a famosa formulação “saber é poder”, que foi utilizada como base da posterior ética utilitarista. (RUIZ, Castor Bartolomé; MACIEL, Joelson de Campos. A ética do cuidado do outro e a bioética ambiental. In: **Revista Bioética**. Brasília, v. 28, n. 3, jul./set. 2020, p. 441-442. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/2196. Acesso em: 31 maio 2025)

¹⁹ A Revolução Industrial foi acompanhada por um “mito de progresso” que fomentou o controle sobre a natureza e o desenvolvimento das tecnologias (JERONIMO; CARVALHO, 2021 p. 45).

²⁰ IRRGANG, 1992, p. 40.

²¹ Christof Hardmeier é professor de Antigo Testamento na Universidade Greifswald (OTT, DIERKS, VOGET KLESCHIN, 2016, p. 363).

²² Konrad Ott é professor de Filosofia e Ética Ambiental na Universidade de Kiel (OTT, DIERKS, VOGET KLESCHIN, 2016, p. 363).

²³ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 184-188.

²⁴ Bernhard Irrgang é doutor em Filosofia e Teologia e atua na Universidade de Munique na Faculdade de Teologia e no Instituto de Teologia Moral (IRRGANG, 1992, p. 4).

²⁵ IRRGANG, 1992, p. 178.

ao cristianismo com base no antropocentrismo cristão, de forma que se questione tal como o desencadeador primeiro da “racionalidade instrumental da modernidade”²⁶ e assim, da crise ecológica²⁷. Por isso, é necessária a distinção entre antropocentrismo cristão e antropocentrismo moderno²⁸. Mediante o estudo dos relatos da Criação, é notável que suas declarações são, de fato, antropocêntricas²⁹. Além disso, é importante a diferenciação entre antropocentrismo cristão e antropocentrismo grego, no qual o ser humano se encontra no centro das reflexões³⁰. Ao contrário deste, o antropocentrismo cristão compreende o ser humano a partir de Deus, e assim, como alguém que é responsabilizado³¹ com a tarefa de interpretação do mundo³².

Irrgang, baseando-se em Philipp Schmitz e Alfons Auer, apresenta a denominada “ética teológica ecologicamente orientada”. Schmitz escreve que o pecado se trata do descumprimento da missão concedida por Deus e que, na crise ambiental, se trata de uma conduta alheia à Criação de Deus³³, que foi intensificada com a razão instrumental da modernidade, quando Deus e mundo foram então dissociados³⁴. Auer defende o antropocentrismo caracterizado pela valorização de todos os seres, desde que o ser humano seja visto como o detentor da atribuição desse valor, pois a moralidade deriva unicamente dos seres humanos, bem como a economia e a tecnologia. O progresso não deve ser combatido, mas visto dentro do horizonte da teologia da Criação que é, em última análise, a “doutrina da salvação da história da aliança”³⁵. Portanto, Irrgang sustenta uma ética ambiental cristã que se baseie em um “antropocentrismo purificado”³⁶ e refletido³⁷, que não se coadune com a presente crise ecológica³⁸. Para a teóloga Gräb-Schmidt³⁹, devido à atividade moral atribuída unicamente ao ser humano, a perspectiva antropocêntrica dificilmente pode ser evitada, porém, isso não significa que o ser humano possua um valor superior às demais

²⁶ A “racionalidade instrumental da modernidade” é a proposição que denota que, com o Iluminismo, a razão passou a ser dominante (RUIZ, MACIEL, 2020, p. 441).

²⁷ IRRGANG, 1992, p. 176.

²⁸ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 188

²⁹ IRRGANG, 1992, p. 173.

³⁰ IRRGANG, 1992, p. 175.

³¹ IRRGANG, 1992, p. 176.

³² IRRGANG, 1992, p. 194-195.

³³ IRRGANG, 1992, p. 22.

³⁴ IRRGANG, 1992, p. 26.

³⁵ IRRGANG, 1992, p. 29.

³⁶ IRRGANG, 1992, p. 32.

³⁷ IRRGANG, 1992, p. 65-66.

³⁸ IRRGANG, 1992, p. 32.

³⁹ Elisabeth Gräb-Schmidt é diretora do Instituto de Ética da Faculdade de Teologia Evangélica da Universidade Eberhard Karls de Tübingen, bem como professora de Teologia Sistemática na mesma (DEUTSCHER ETHIKRAT. Elisabeth Gräb-Schmidt. Berlin, [s.d.] Disponível em: <https://www.ethikrat.org/ueber-uns/mitglieder/elisabeth-graeb-schmidt/>. Acesso em: 13 maio 2025).

criaturas e sim, que, como “sujeito da ação ética”, concentra sobre si a responsabilidade ética tanto em geral quanto especificamente ético-ambiental⁴⁰.

Percebe-se que as discussões em torno do antropocentrismo são vastas e não é sem razão que, ao longo do tempo, buscou-se e desenvolveu-se alternativas a essa perspectiva em vigor. Tais posições são colocadas sob a designação do fisiocentrismo⁴¹. A primeira a ser mencionada é o senscientismo, que provém do latim *sentire*, que significa o ato de sentir⁴², e que consta como o segmento que defende que toda a natureza sensciente possui um valor moral intrínseco. Nessa visão, a consideração unilateral de que somente as pessoas seriam participantes da “comunidade moral” é denominada de “especismo”. Ao ser humano, como “agente moral”, cabe valorizar a vida dos outros seres⁴³. Por semelhante modo, para a abordagem biocêntrica, todos os seres vivos possuem um valor intrínseco, ao invés de um valor meramente instrumental. Não somente os seres humanos, mas também plantas, animais, entre outros seres, devem ser protegidos, de forma que os seres humanos possuem obrigações morais para com eles. Assim como o senscientismo, o biocentrismo é classificado como igualitário ou hierárquico. Enquanto para o primeiro todos os seres vivos possuem o mesmo valor intrínseco, para o segundo todos os seres vivos possuem valor intrínseco, porém, há uma espécie de hierarquia⁴⁴. Cabe aqui citar o pensamento do pastor protestante Fritz Jahr⁴⁵ (1895-1953), afirmando que, a partir da visão da teoria evolucionista de Darwin, é inaceitável a distinção entre seres humanos e animais. A partir de Kant e seu conceito de imperativo categórico, ele desenvolveu o “imperativo bioético”, o qual propugna o tratamento de cada ser vivo como um fim em si mesmo⁴⁶.

O ecocentrismo é a posição em que o ecossistema é considerado como o detentor da superioridade moral sobre os indivíduos⁴⁷. Seus representantes possuem a

⁴⁰ GRÄB-SCHMIDT, Elisabeth. Umweltethik. In: HUBER, Wolfgang; MEIREIS, Torsten; REUTER, Hans-Richard (Hg.). **Handbuch der Evangelischen Ethik**. München: C.H.Beck, 2015, p. 658-659.

⁴¹ Isto é, a natureza passa a ser o centro das considerações de valor.

⁴² Também conhecida como patocentrismo, que provém do grego *pathos*, que denota sofrimento.

⁴³ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 157-159.

⁴⁴ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 161-162.

⁴⁵ Fritz Jahr foi um teólogo e professor alemão que utilizou pela primeira vez o termo *Bio-ethik*, ou seja, Bioética. (RENK, Valquiria; GUEBERT, Mirian Celia Catellain; ENNS, Cristoph. Bioética ambiental: aproximações entre Fritz Jahr e Van R. Potter. In: **Revista Iberoamericana de Bioética**. Madrid, n. 17, 2021, p. 3-6. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/17011>. Acesso em: 31 maio 2025) Outros nomes importantes são Hans Jonas, Paul Taylor e Albert Schweitzer. Para saber mais detalhadamente sobre a concepção desses nomes, leia OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 161-165.

⁴⁶ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 162-163. Além disso, para ele o quinto mandamento bíblico estende-se a todos os seres vivos, não somente aos seres humanos.

⁴⁷ Ecossistema é detalhado como “uma estrutura de relações ou de interações funcionais e recíprocas entre os seres vivos entre si e com seu *habitat* (delimitado ou delimitável) e com as condições abióticas predominantes nesse ambiente” (tradução própria). (OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p.

tendência de ter uma proximidade com a ecologia primitiva, pois veem os ecossistemas como “superorganismos”. Um representante importante dessa perspectiva é Aldo Leopold com sua obra chamada **Ética da Terra**, defendendo que as pessoas não são governantes, mas sim participantes da “comunidade biótica”. Ainda mais, ele introduziu o modelo da pirâmide terrestre formada pela parte inferior que é o solo, seguida pelas plantas, insetos, pássaros e outros seres, terminando nos carnívoros. O funcionamento dessa pirâmide se dá através de cadeias alimentares e ciclos de energia. Destarte, nessa perspectiva é necessária uma visão integral e coletiva do ecossistema pelo ser humano⁴⁸.

Por fim, o holismo, como a última perspectiva a ser mencionada, possui uma hermenêutica integral e não individualista, isto é, intenta compreender o mundo através do todo e não de suas partes. Em vista disso, a proteção do meio ambiente independe das considerações morais humanas. Em geral essa perspectiva é considerada semelhante ao ecocentrismo, porém se distingue deste pelo fato de não considerar somente o todo, mas também a individualidade presente no todo⁴⁹. Porém, convém mencionar que, na perspectiva do holismo, o ser humano pode usufruir do meio ambiente, tendo em vista que possui necessidades a serem supridas, porém os danos devem ser sempre os menores possíveis⁵⁰.

2.2 DISCUSSÕES ÉTICO-AMBIENTAIS NA ERA DO ANTROPOCENO EM VISTA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS COM ÊNFASE NAS QUESTÕES DA JUSTIÇA E DA RESPONSABILIDADE

A era geológica atual recebe a designação de Antropoceno⁵¹, dada as modificações da natureza resultantes das intervenções humanas, especialmente evidentes e negativamente maximizadas com as mudanças climáticas⁵². Estas têm ocorrido com maior frequência e intensidade, como, por exemplo, em “inundações, secas, ondas de calor, incêndios florestais, deslizamentos de terra, propagação de doenças,

169). „Unter einem Ökosystem versteht man ein wechselseitiges, funktionales Beziehungs- oder Wirkungsgefüge von Lebewesen untereinander und mit ihrem (abgegrenzten bzw. abgrenzbaren) Lebensraum und den dort vorherrschenden abiotischen Verhältnissen“

⁴⁸ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 169-70.

⁴⁹ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 177-178.

⁵⁰ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 180-181.

⁵¹ O termo Antropoceno (provém do grego *ánthropos*, que significa homem, e *ceno*, que pode ser traduzido como novo) tem sido, desde o início dos anos 2000, refletido. Para alguns pesquisadores, o Antropoceno iniciou no final do século XVIII através da verificação de ar preso no gelo polar, o que indica o aumento de concentração de dióxido de carbono e metano. (CAVALCANTI, Maria Clara Catanho. Antropoceno: a construção discursiva de um conceito. In: **Revista Investigações**. Recife, v. 34, n. 2, 2021, p. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/247502>. Acesso em: 31 maio 2025)

⁵² KÖRTNER, Ulrich H. J. **Vergängliche Schöpfung**. Schöpfungsglaube und Gottvertrauen in der Klimakrise. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 2024, 7.

ciclones, chuvas fortes, declínio no rendimento das colheitas locais, desertificação, aumento do estresse hídrico em regiões (semi)áridas, etc”⁵³. Não é sem razão que surgem, assim, proclamações apocalípticas a respeito de uma possível aniquilação do mundo⁵⁴. Essa realidade das mudanças climáticas recebe geralmente duas reações: negacionismo ou credibilidade e subsequente intervenção⁵⁵. Gräb-Schmidt escreve acertadamente contra o negacionismo, bem como contra o pessimismo⁵⁶. Em decorrência dos problemas das mudanças climáticas foi desenvolvida, como subdisciplina da ética ambiental, a denominada ética climática, que objetiva analisar os impasses morais provenientes das mudanças climáticas, tidas como antropogênicas, bem como apresentar sugestões de possíveis caminhos a serem tomados em vista da problemática, que envolve questões políticas⁵⁷. Gräb-Schmidt define o clima como a “totalidade dos eventos climáticos durante um longo período de tempo, incluindo os extremos que ocorrem no processo”⁵⁸. Isto é caracterizado por dinamicidade e irreversibilidade, de modo que incide sobre o mundo, o que requer, por sua vez, imediata capacidade de adaptação pelos seres vivos. Além disso, intensifica fenômenos como estiagens, por exemplo, o que pode causar fome e pobreza e consequentemente o surgimento de “guerras climáticas”⁵⁹. Logo, as reflexões acerca das mudanças climáticas abrangem, além do campo científico, os campos social e cultural⁶⁰.

As consequências das mudanças climáticas não atingem somente as gerações atuais, mas também as gerações futuras. Além disso, as consequências não atingem a todos de igual forma e intensidade⁶¹. Por isso, discute-se dentro da ética climática sobre a questão da “justiça intra e intergeracional”⁶². A justiça é um tema proveniente do campo social e tem tido seu discurso ampliado, desde os anos 1980, também

⁵³ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 232. „(...) Fluten, Dürren, Hitze wellen, Waldbrände, Landrutsche, Ausbreitung von Krankheiten, Wirbelstürme, Starkregen, Rückgang der lokalen Ernteerträge, Desertifikation, erhöhter Wasserstress in (semi-)ariden Regionen usw“.

⁵⁴ SALMI, Frederico. Ética climática e categorias analíticas: potencial teórico-normativo para formuladores de políticas. In: **Revista Geotemas**. Pau dos Ferros, RN, v. 11, 2011, p. 3. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/2951>. Acesso em: 31 maio 2025.

⁵⁵ SALMI, 2011, p. 8.

⁵⁶ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 699.

⁵⁷ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 232.

⁵⁸ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 683 apud GRASSL 1998, p. 392. „die Gesamtheit der Witterungen eines längeren Zeitabschnittes einschließlich der dabei auftretenden Extrema“.

⁵⁹ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 683-685.

⁶⁰ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 688.

⁶¹ Atribui-se aos países industrializados uma maior responsabilidade por conta de sua contribuição maior para as mudanças climáticas, em contraposição aos países menos industrializados e, por isso, tem sido discutido o direito de compensação e questões como a realidade dos “refugiados climáticos”. (OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 235-237)

⁶² OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 232.

para o campo da ética ambiental⁶³. Pressuposto por trás dessas considerações está o fato de que o clima é tido como um “bem comum”⁶⁴. Gräß-Schmidt aponta para a necessidade de uma justiça climática fundamentada na solidariedade⁶⁵ e, assim, na misericórdia de Deus que concede dádivas sem a expectativa de alguma retribuição⁶⁶. Contudo, não somente os seres humanos são considerados dentro dessas discussões, mas também os ecossistemas e todos os seres vivos que deles fazem parte, dado que são igualmente afetados pelas ações humanas⁶⁷. Outro assunto importante é a responsabilidade, que pode ser prospectiva — aplicação de normas esperadas às pessoas do presente — ou retrospectiva — aplicação de crítica às atitudes de pessoas do passado⁶⁸. Sendo assim, do ser humano é esperada determinada conduta dentro de um quadro de normas almeçadas ou estabelecidas e, assim, pergunta-se pelos responsáveis morais⁶⁹. Para Hans Jonas, são as pessoas do presente as responsáveis pelas pessoas do futuro⁷⁰.

Gräß-Schmidt também aborda essa temática. Para ela, o presente é ponto de intersecção entre o passado e o futuro e é no presente que se encontra a atribuição da responsabilidade, dado que, na medida em que se convive com as consequências do passado no presente, o futuro é ou deveria ser considerado, pois as ações do presente ao lidar com o passado repercutem no futuro. O presente é o passado do futuro. Dentro do horizonte da Criação, o ser humano pode participar da responsabilidade de Deus através da liberdade divinamente recebida, apesar do pecado⁷¹. Para ela, a ética da Criação se trata basicamente da ética ambiental que constata a natureza pecadora do ser humano, e diante disso, se reflete sobre a responsabilidade na perspectiva da reconciliação que, significa, por sua vez, diante da realidade da Criação, o olhar para o futuro acompanhado de atitudes solidárias no presente. Ainda mais, ser uma pessoa cristã que se importa com o meio ambiente não denota, em um primeiro momento, uma conduta ecológica e sim o reconhecimento da sua posição em relação à Criação⁷². Portanto, importa considerar a responsabilidade humana — e a realidade da sua natureza como velha e nova criatura — dentro do horizonte teoló-

⁶³ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 127.

⁶⁴ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 693.

⁶⁵ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 695.

⁶⁶ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 697.

⁶⁷ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 129.

⁶⁸ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 132.

⁶⁹ OTT, DIERKS, VOGET-KLESCHIN, 2016, p. 133-134.

⁷⁰ LOPES, 2023, p. 22.

⁷¹ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 674-679.

⁷² GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 679-681.

gico da reconciliação, dado que a natureza faz parte da Criação e, assim, da reconciliação⁷³. Assim, a teóloga defende uma ética ambiental que respeite o valor intrínseco da natureza e leve em conta a responsabilidade do ser humano⁷⁴, como ser cultural que é e que pode agir com liberdade, mas dentro de limites eticamente estabelecidos e tudo isso a partir da compreensão básica e notória de que a natureza faz parte da Criação de Deus⁷⁵.

3 A COMPREENSÃO DA CRIAÇÃO EM LUTERO E SUA RECEPÇÃO EM OSWALD BAYER

O reformador Martinho Lutero refletiu sobre a Criação ao estudar a Palavra de Deus e suas reflexões podem ser encontradas, por exemplo e de modo especial, nas suas interpretações do livro de Gênesis e da Epístola aos Romanos, e aqui em especial o texto de Rm 8.19-25. Centenas de anos depois, o teólogo luterano alemão trabalhou a teologia da Criação de Lutero em sua obra *Criação como alocução* (em alemão: *Schöpfung als Anrede*).

3.1 LUTERO E SUA COMPREENSÃO DA CRIAÇÃO A PARTIR DE GÊNESIS

Conforme Lutero, a Criação é obra da Trindade⁷⁶ e o Espírito Santo é o Espírito Vivificador⁷⁷. Ainda mais, a Criação é fruto da Palavra de Deus, em sua dinâmica imediata, poderosa e eterna, que fez surgir, no princípio, tudo do nada. Essa Palavra é Jesus Cristo, por meio de quem tudo foi criado⁷⁸ e é continuamente sustentado⁷⁹, sendo apontada aqui a realidade da *creatio continua*⁸⁰. Portanto, “palavra não-criada” foi feita pela “palavra-criada”⁸¹ e é assim que o Espírito Santo age⁸².

O reformador define o ser humano como uma “criatura singular de Deus”⁸³, diferente de todas as outras criaturas e o chama de “microcosmos”⁸⁴. Contudo, por conta do pecado e da morte dele procedente, o ser humano do presente é cadáver

⁷³ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 703-704.

⁷⁴ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 653.

⁷⁵ GRÄB-SCHMIDT, 2015, p. 664.

⁷⁶ LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**: Interpretação do Antigo Testamento: Textos Seleccionados da Preleção sobre Gênesis. São Leopoldo, RS: Sinodal; Concórdia, 2014, p. 100.

⁷⁷ LUTERO, 2014, p. 59.

⁷⁸ LUTERO, 2014, p. 65.

⁷⁹ LUTERO, 2014, p. 69.

⁸⁰ LUTERO, 2014, p. 75.

⁸¹ LUTERO, 2014, p. 70.

⁸² LUTERO, 2014, p. 90.

⁸³ LUTERO, 2014, p. 87.

⁸⁴ LUTERO, 2014, p. 108-109.

dos primeiros seres humanos e o presente mundo somente resquício do primeiro mundo⁸⁵. Também a tarefa de cultivo e cuidado do jardim do Éden foram deturpados, entretanto isso não inibe a responsabilidade para com a Criação que se estende para todas as gerações⁸⁶. Com o pecado, e assim com a Queda, a terra passou a produzir espinhos e cardos⁸⁷. Para Lutero, antes da Queda “o sol era mais claro, a água mais pura, as árvores mais férteis, os campos mais fecundos⁸⁸, sendo perceptível, já em sua época, a deficiência da disponibilidade de alimentos⁸⁹ e por isso, a vida atual é vista como vida em meio à morte⁹⁰. Ele aponta também para outras realidades que dificultam a vida, como pragas que afetam plantações, tempestades, inundações e terremotos, para citar alguns exemplos, e escreve, de modo impressionante que “quanto mais o mundo se aproxima do fim tanto mais ele é atormentado por castigos e catástrofes. Para tornar as coisas piores, quanto mais o mundo é golpeado tanto mais ele endurece a frente e fica insensível para os seus males”⁹¹. A Criação, com seus problemas, lembra da maldição decorrente do pecado. Entretanto, há resquícios da benevolente Criação em seu primeiro estado, como, por exemplo, a frutificação contínua da terra. Além disso, Deus concedeu a “promessa da semente” com sua abolição da morte eterna⁹².

Lutero denuncia também o posicionamento do cristão diante dessa realidade, a saber, que se apega à vida terrena e age despreocupadamente. Diante disso, a Criação prega ao coração humano em sua carência de sensibilidade, através de mensageiros de Deus como os espinhos, cardos, água, fogo, lagartas, moscas, pulgas, piolhos e percevejos. Por isso, Lutero atesta a necessidade do clamor a Deus, para que ele remova “esse espantoso estupor dos nossos olhos, sentidos e corações”, a fim de que a realidade pecaminosa seja lembrada, a segurança seja posta de lado e se ande no temor a Deus⁹³.

Não obstante o pecado, Deus continua sustentando sua Criação através da Sua Palavra⁹⁴ e esta continua sendo muito boa, pois o Criador as ama⁹⁵. Lutero vai além, apontando para a realidade da Nova Criação, compreendida por ele como uma “casa elegante” preparada para o futuro das pessoas, o que deveria levar as pessoas

⁸⁵ LUTERO, 2014, p. 112.

⁸⁶ LUTERO, 2014, p. 133.

⁸⁷ LUTERO, 2014, p. 81.

⁸⁸ LUTERO, 2014, p. 105.

⁸⁹ LUTERO, 2014, p. 110-111.

⁹⁰ LUTERO, 2014, p. 116.

⁹¹ LUTERO, 2014, p. 222-223.

⁹² LUTERO, 2014, p. 221.

⁹³ LUTERO, 2014, p. 225-226.

⁹⁴ LUTERO, 2014, p. 113.

⁹⁵ LUTERO, 2014, p. 92.

à conclusão de que as preocupações terrenas são superficiais em vista dessa realidade iminente e prevalecente, ou seja, ele quer expressar que a ansiedade com relação ao futuro se trata de insensatez⁹⁶, pois o “primeiro mundo” é somente um vislumbre deste mundo vindouro⁹⁷.

3.2 CRIAÇÃO QUE GEME E SOFRE: APORTES DA TEOLOGIA DE LUTERO SOBRE A CRIAÇÃO EM ROMANOS 8

Em duas obras de Lutero pode-se encontrar abordagens a respeito do texto de Rm 8.19-25. Na primeira⁹⁸, o reformador explana que as criaturas foram criadas com o objetivo de que o ser humano glorificasse a Deus, porém, estas somente agem ingratamente através do abuso da Criação. Ele destaca que o apóstolo Paulo empreendeu uma antítese entre “servidão da corrupção” (*Seruitutem corruptionis*) e “liberdade da glória” (*libertatem glorie*) para expressar que as criaturas, como parte da realidade corrompida da Queda, estão a serviço do abuso das pessoas ímpias, mas que serão libertadas para a glória dos filhos de Deus e, enquanto isso, a Criação geme e sofre dores de partos, pois se assemelha a uma grávida que é tomada pelo sofrimento ao dar à luz, mas que se esquece disso após a visão da glória presente. Além disso, é destacado que Paulo usa a metáfora das “primícias dos frutos da terra” para apontar a realidade do princípio da colheita que, por sua vez proclama a colheita futura. Para o apóstolo, esses sinais são compreensíveis somente para aqueles que não têm um “espírito do medo”⁹⁹. Na segunda obra¹⁰⁰, o reformador afirma que ao filósofo cristão cabe a tarefa de contemplação das criaturas, não conforme a realidade presente, mas sim conforme a realidade futura, o que o conduz ao suspiro diante da realidade presente em sua desordem. Em vista disso, é mencionada a “expectativa da criatura” (*expectatio creature*), que concerne ao direcionamento dos olhos para o futuro. A isso, ainda, remete-se a esperança, que é definida por Lutero como uma “expressão de intenso afeto” (*vehementis affectus*), que tem origem no amor e que conduz à concentração dos olhos das coisas visíveis para as invisíveis, de forma que, tem-se a união entre o ator da espera e o objeto de esperança¹⁰¹.

⁹⁶ LUTERO, 2014, p. 87.

⁹⁷ LUTERO, 2014, p. 82.

⁹⁸ LUTHER, Martin. **D. Martin Luthers Werke**: Schriften. Weimarer Ausgabe — WA. Weimar: Hermann Böhlhaus, 2007, v. 56.

⁹⁹ LUTHER, 2007, v. 56, p. 79-82.

¹⁰⁰ LUTHER, Martin. **D. Martin Luthers Werke**: Schriften. Weimarer Ausgabe — WA. Weimar: Hermann Böhlhaus, 2007, v. 57.

¹⁰¹ LUTHER, 2007, v. 57, p. 190-192.

3.3 A COMPREENSÃO DE CRIAÇÃO A PARTIR DA RECEPÇÃO DA TEOLOGIA DE LUTERO EM OSWALD BAYER: ALOCUÇÃO À CRIAÇÃO ATRAVÉS DA CRIAÇÃO

O teólogo luterano Oswald Bayer¹⁰² trabalha de forma brilhante a teologia da Criação de Lutero em sua obra *Schöpfung als Anrede* e ali promove um diálogo entre a teologia de Lutero e a obra *Aesthetica in nuce* (1762)¹⁰³ de Johann Georg Hamann¹⁰⁴ como resposta ao seu contexto do século XX, marcado pela escassez de reflexões sobre a Criação, o que é atribuído parcialmente à Teologia Dialética¹⁰⁵, com sua preocupação com a influência da teologia natural¹⁰⁶. Para Bayer, a Teologia Dialética está correta na primazia da Palavra de Deus, porém, errônea ao não reconhecer a mediação mundana dessa Palavra, o que foi aguçado com o personalismo, com sua compreensão do encontro como algo apenas pessoal e não local¹⁰⁷. Contudo, uma teologia que não promova a diferenciação entre Deus e o mundo, como forma de oposição à essa concepção, e que insista de forma spinozista¹⁰⁸ na imanência de Deus no mundo não é apropriada. Portanto, é proposta a reflexão de uma

¹⁰² Oswald Bayer é professor emérito de Teologia Sistemática da Universidade Eberhard Karls em Tübingen, na Alemanha. (BAYER, Oswald. Ética da Dádiva. In: **Vox Scripturae — Revista Teológica Internacional**. São Bento do Sul, v. 27, n.1, jan.-abr./2019, p. 67. Disponível em: [https://doi.org/10.25188/FLT-VoxScript\(eISSN2447-7443\)vXXVII.n1.p67-90.OB](https://doi.org/10.25188/FLT-VoxScript(eISSN2447-7443)vXXVII.n1.p67-90.OB). Acesso em: 21 out. 2025)

¹⁰³ BAYER, Oswald. *Schöpfung als Anrede*: zu einer Hermeneutik der Schöpfung. 2. erw. Aufl. Tübingen: Mohr Siebeck, 1990, p. 14.

¹⁰⁴ Johann Georg Hamann nasceu em Königsberg (Prússia Oriental) e faleceu em Münster. Atuou como tradutor e funcionário da alfândega. Ele desejava ser um *philologus crucis* (filólogo da cruz). Foi conhecido como o mago do Norte por ter empreendido reflexões em diversas áreas, como na ciência da literatura, na teologia e na filosofia. Destaque das suas reflexões consiste na sua compreensão de Deus como autor e poeta do livro da natureza e da história. Ademais, ele foi um iluminista radical que caminhou entre Kant e Hegel, entre idealismo e materialismo e que influenciou Kierkegaard. Para saber mais, leia BAYER, Oswald. Johann Georg Hamann. In: GISEL, Pierre; KAENNEL, Lucie. **Enciclopédia do protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 738-739.

¹⁰⁵ Teologia Dialética se trata do movimento que teve atuação contra o Protestantismo Liberal e sua respectiva ênfase racional. Exemplos de teólogos desse movimento são Karl Barth e Emil Brunner. Cf. MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. 2. ed. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 81.

¹⁰⁶ BAYER, 1990, p. 1.

¹⁰⁷ BAYER, 1990, p. 3.

¹⁰⁸ Baruch Spinoza nasceu na Holanda em 1632 e faleceu em 1677. Ele promoveu discussões com René Descartes, se opôs ao deísmo e defendeu a compreensão de Deus como uma substância constituída por diferentes propriedades, sendo que cada uma delas, em sua individualidade, traduz a “essência eterna e infinita” de Deus. Portanto, segundo ele, Deus é tudo o que existe e Deus é a natureza. (SANTOS, Valdeci Ribeiro dos; RIBEIRO, Wallace Cabral. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. In: **Kínesis — Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**. Marília/SP, v. 12, n. 33, 2020, p. 199-203. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/11358>. Acesso em: 13 maio 2025)

teologia de resgate da compreensão de Lutero a respeito da Criação que transite entre personalismo e spinozismo¹⁰⁹.

Para Bayer, Hamann, no seu tempo, foi arauto de temáticas abordadas por Lutero com semelhante discernimento ao reformador, de forma que possui uma maior proximidade para com ele do que nós em relação a Lutero. Na obra mencionada de Hamann, ele traz o pertinente questionamento da maneira que a linguagem da natureza poderia ser ressuscitada em face da razão instrumental moderna do Iluminismo¹¹⁰. Segundo o filólogo da cruz, natureza e história são os “dois grandes comentários sobre a Palavra Divina, e esta é a única chave que abre nossa compreensão de ambas”¹¹¹ e, ainda mais, o mundo é como um livro¹¹² e Deus fala à criatura através da criatura, ou seja, Deus opera “alocução à criatura através da criatura” (*Rede an die Kreatur durch die Kreatur*)¹¹³. A preposição *an*, que pode ser traduzida como “à” ou “para” denota menção e distinção; e a preposição *durch*, por sua vez, traduzida como “através”, denota mediação. Ambas expressam a fala “mundana” (*weltlich*) de Deus¹¹⁴. Sendo assim, Criação como alocução de Deus indica essa “mediação mundana” que aponta para a mediação de Jesus na Criação, que é o “exegeta de Deus”, pelo qual natureza e história falam como Criação¹¹⁵. A preposição *an* aponta para a liberdade de Deus em seu amor e a preposição *durch* sua encarnação¹¹⁶.

Contudo, por conta do pecado, a linguagem da Criação tornou-se deturpada e encontra-se, agora, silêncio e dissonância. Natureza e história não falam mais claramente e, em seu lugar, encontram-se discursos ambíguos sobre Deus, de forma que, não há mais nenhum discurso sobre ele¹¹⁷, e sua alocução às criaturas através das criaturas foi silenciada¹¹⁸. O livro da natureza e da história encontra-se fragmentado, condição esta chamada por Hamann de “versos embaralhados” (*Turbatversen*)¹¹⁹. Deus é “Deus falante”, mas, ao mesmo tempo, Deus oculto, que não é mais

¹⁰⁹ BAYER, 1990, p. 4-5.

¹¹⁰ BAYER, 1990, p. 73.

¹¹¹ HAMANN *apud* BAYER, 1990, p. 10. „*Natur und Geschichte sind die 2 großen Commentarii des Göttlichen Wortes und dies hingegen der einzige Schlüssel, uns eine Erkenntnis in beiden zu eröffnen*“.

¹¹² BAYER, 1990, p. 13.

¹¹³ BAYER, 1990, p. 14.

¹¹⁴ BAYER, 1990, p. 17.

¹¹⁵ BAYER, 1990, p. 16.

¹¹⁶ BAYER, 1990, p. 17.

¹¹⁷ BAYER, 1990, p. 19.

¹¹⁸ BAYER, 1990, p. 20.

¹¹⁹ LAZZARETTI, Lucas. A antiestética estetizante de Hamann: os eflúvios do gênio pré-romântico. In: *Aletria*. [S.l.], v. 34, n. 1, 2024, p. 80. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/46438>. Acesso em 14 abr. 2025.

ouvido e conhecido, mas somente percebido com angústia e falta de compreensão¹²⁰. Ou seja, o ser humano passa a questionar a presença de Deus e por fim, sua existência, de modo que Deus é esquecido. O ser humano se torna gado que doravante não formula perguntas¹²¹. Deus é abscondito e imperceptível, mas, ao mesmo tempo, profundamente presente e, nesse sentido, Lutero escreve sobre a “**imanência penetrante de Deus**” (*einer penetranten Diesseitigkeit Gottes*), percepção essa que se relaciona com a tese da Criação como alocação de Hamann¹²². Lutero expressa essa ideia da presença penetrante de Deus na realidade mundana através de sua colocação de que Deus também se faz presente no “buraco de um escaravelho”¹²³. Deus se encontra com tal “proximidade oculta e consumidora” para com o ser humano, que não é possível que ele se esconda¹²⁴. Tendo em vista essa realidade de ocultação e presença de Deus, natureza e história são percebidas como silenciosas e comunicativas ao mesmo tempo¹²⁵.

Conforme Lutero, o mundo não existe sem a palavra, que é palavra confiável (*Verlässliches Wort*). É a promessa de Deus (*Zusage Gottes*)¹²⁶, que promove libertação que, por sua vez, se trata do perdão de pecados e salvação¹²⁷, comunicada e concretizada não somente no Batismo e na Ceia do Senhor¹²⁸, mas também na história da Criação, compreendida igualmente como *promissio*. Assim, Deus é Deus falante que concede da sua promessa, que é marcada pela palavra confiável, pois é Deus, que é fiel, é quem a concede¹²⁹ e, portanto, o mundo é mundo prometido (*zugesagte Welt*), o que significa afirmar que é o meio da promessa de Deus ao ser humano, pela qual Deus se comunica¹³⁰.

Deus se comunica com os seres humanos por meio da natureza e da história. No entanto, os seres humanos estão cegos e mudos e não percebem mais isso e, para que vejam e ouçam novamente e percebam novamente a natureza como Criação, precisam passar pelo “milagre de santificação” (*Heiligungswunder*)¹³¹, que, por sua

¹²⁰ BAYER, 1990, p. 135.

¹²¹ BAYER, 1990, p. 21.

¹²² BAYER, 1990, p. 64.

¹²³ BAYER, 1990, p. 161.

¹²⁴ BAYER, 1990, p. 22.

¹²⁵ BAYER, 1990, p. 24.

¹²⁶ BAYER, 1990, p. 36-37. Essa compreensão provém da sua reflexão sobre o sacramento da penitência. Lutero descobre que o “sinal linguístico” é a coisa, que é marcada por sua presentidade e que estabelece acontecimentos, de modo que age na vida daquele que ouve da *promissio*.

¹²⁷ BAYER, 1990, p. 41.

¹²⁸ BAYER, 1990, p. 38. A respeito disso, Bayer ainda escreve que essa palavra, que atua no Batismo e na Ceia do Senhor, é uma palavra efetiva, que funda a comunidade e assegura aos corações quanto à sua ação salvífica, pois faz o que diz.

¹²⁹ BAYER, 1990, p. 38-39.

¹³⁰ BAYER, 1990, p. 72.

¹³¹ BAYER, 1990, p. 11.

vez, ocorre à pessoa “que ouve o tempo concedido, o espaço concedido, o fruto no útero, o casamento, o pássaro e a flor, o processo no caroço do pêssego cuja casca dura se rompe — aquele que ouve tudo isso como a palavra poderosa e confiável do Deus misericordioso”¹³².

Entretanto, segundo Lutero, as pessoas não servem a Deus e às pessoas, mas sim ao dinheiro, de forma que são dominadas pela avareza e não pela gratidão ao Criador. Elas se fecham para o mundo prometido e, assim, seus corações, bocas e mãos, e passam a se encontrar em um mundo estreito e sentem a ira de Deus. O mundo passa a ser vivido de lar para deserto¹³³. A avareza é justamente o “movimento de autofechamento” (*Bewegung des Selbstabschlusses*), de estar “incurvado em si mesmo” (*incurvation in se ipsum*)¹³⁴. Aliado a isso, para Bayer, a ingratidão é o pecado principal e consiste justamente no julgamento errôneo do presente, pois o ser humano está dominado pela cegueira que, em última análise, pode ser denominada de “ganância pelo futuro” (*concupiscentia futurorum*), que consiste na procura em estar “à frente de si mesmo” a fim de alcançar o ápice da autotranscendência¹³⁵, de modo que se busca o futuro e se esquece do presente¹³⁶. Sendo assim, as pessoas possuem uma conduta dirigida pela ingratidão e pela avareza e estragam as alegrias concedidas por Deus e, por conseguinte, desonram o Criador¹³⁷. O ser humano, como pessoa pecadora, tem seus olhos concentrados no futuro, age com otimismo e acaba perdendo o presente. Por isso, Bayer sustenta que é necessário que haja uma percepção do presente como resultado da ação de Jesus Cristo por meio do milagre da Nova Criação, de modo que promova a cura da “preocupação como uma fuga para um futuro puro e do vício de assumir a responsabilidade por tudo, e permitirme perceber o mundo como Criação com o mesmo grau de gratidão com que me torno sobriamente consciente dos limites que são estabelecidos para mim”¹³⁸. Em vista disso, a crença no progresso humano é desacreditada¹³⁹.

Lutero, em seu primeiro artigo do Credo no Catecismo Menor, escreve “Eu creio que Deus me criou junto com todas as criaturas”¹⁴⁰. Neste texto, encontram-se verbos predominantemente no presente: Deus é quem doa, sustenta todas as coisas

¹³² BAYER, 1990, p. 60. „Dem widerfährt das Wunder der Neuschöpfung, der die gewährte Zeit, den gewährten Raum, die Frucht im Mutterleibe, den Ehestand, den Vogel und die Blume, den Vorgang im Pflirschkern, dessen harte Schale gesprengt wird – der dies alles als machtvoll und verlässliches Wort des gütigen Gottes hört.“

¹³³ BAYER, 1990, p. 72.

¹³⁴ BAYER, 1990, p. 68.

¹³⁵ BAYER, 1990, p. 156.

¹³⁶ BAYER, 1990, p. 132.

¹³⁷ BAYER, 1990, p. 68.

¹³⁸ BAYER, 1990, p. 156-157.

¹³⁹ BAYER, 1990, p. 61.

¹⁴⁰ BAYER, 1990, p. 80.

criadas, provê e cuida¹⁴¹. Conforme Bayer, encontra-se ainda uma ligação importante entre o presente perfeito (“deu”) e o aoristo presente (“ainda preserva”), de forma que *creatio* e *conservatio* são vistas em conjunto¹⁴². Deus não é *deus otiosus*, mas sim *deus actuosissimus*¹⁴³. Deus é o Doador e Outorgador categórico (*kategorisch Gebende und Schenkende*), que dá a vida e todas as boas dádivas¹⁴⁴ e, singularmente, o seu Filho, que se doou a fim de promover reconciliação entre o ser humano e o Criador¹⁴⁵. Deus fala às pessoas por meio da Criação e estas respondem com fé ou descrença¹⁴⁶ e, a fé, por sua vez, se manifesta no louvor, no agradecimento e no serviço, de forma que assume a responsabilidade neste mundo¹⁴⁷. Como Bayer observa, na resposta do ser humano ao Criador, está contido um “*ethos* de doação e amor”¹⁴⁸. A existência do ser humano decorre unicamente *extra nos in solo deo*¹⁴⁹.

É necessário que o ser humano perceba, isto é, veja conscientemente o Criador e somente a partir disso é que pode assumir a responsabilidade, caso contrário, se torna um ofício cego. Essa percepção abrange maravilhar-se, suspirar e olhar (*Staunen, Seufzen, Schauen*)¹⁵⁰. Bayer denuncia sua época como desprovida da capacidade de maravilhamento, bem como a teologia protestante, com seu medo por uma dominância da teologia natural sobre a Teologia da Cruz, e coloca a necessidade do resgate de uma “cultura de percepção” (*eine Kultur der Wahrnehmung*)¹⁵¹. Qualquer preocupação e responsabilidade ecológica requerem a fundamental e necessária percepção do mundo criado e sustentado pelo Doador, que conduz ao louvor e, assim, ao maravilhamento, que é convidativo às outras pessoas, de forma que essas se maravilhem e tenham atitudes assim consonantes. Ainda nesse âmbito, Bayer acusa o procedimento usual diante da crise ecológica e seu tom de urgência, de modo que se busca dar o “segundo passo antes do primeiro”, o que leva somente a tropeços¹⁵². Esse maravilhamento não deve ser confundido com a contemplação da filosofia, que parte do mundo, dado que o maravilhamento é “indiretamente cosmológico”, pois não é provocado em um primeiro momento pela natureza, mas sim pela Palavra de Deus¹⁵³.

¹⁴¹ BAYER, 1990, p. 97.

¹⁴² BAYER, 1990, p. 101.

¹⁴³ BAYER, 1990, p. 98.

¹⁴⁴ BAYER, 1990, p. 99.

¹⁴⁵ BAYER, 1990, p. 100.

¹⁴⁶ BAYER, 1990, p. 58.

¹⁴⁷ BAYER, 1990, p. 107.

¹⁴⁸ BAYER, 1990, p. 107-108. „*Ein Ethos des Gebens und der Liebe ist in der Antwort eingeschlossen.*“

¹⁴⁹ BAYER, 1990, p. 116-117.

¹⁵⁰ BAYER, 1990, p. 169-170.

¹⁵¹ BAYER, 1990, p. 169.

¹⁵² BAYER, 1990, p. 159.

¹⁵³ BAYER, 1990, p. 172-174.

Importa destacar que a doutrina da Criação é determinada pela soteriologia, na medida em que Jesus Cristo é quem inaugura a Nova Criação (Mc 7.37) e concede a esperança de “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21)¹⁵⁴, o que implica na necessidade de consideração no discurso sobre a Criação da “luz da manhã da Páscoa” (*Licht des Ostermorgens*) (Mc 16.2)¹⁵⁵. Bayer esclarece que as pessoas

que experimentam dolorosamente a contradição entre a criatura sofredora e gemida do mundo antigo e a Criação prometida, o mundo original, não mantêm seus olhos fechados para o mundo, mas permitem que eles sejam abertos para a glória recém-visível da Criação; eles se maravilham. Esse maravilhamento é algo diferente da piedade cósmica ininterrupta que atualmente — na crise ecológica — está sendo recomendada por mais de alguns como um remédio, e pela qual muitos pelo menos anseiam. (...) Isso não significa uma relação esteticamente irremediável com a natureza. Em vez disso, ele vem da superação de um medo profundo, da superação da morte, dos poderes da morte.¹⁵⁶ (tradução própria)

Portanto, o medo não deveria ser o ponto de partida da reflexão sobre a Criação, e sim o maravilhamento suscitado pela bondade e misericórdia do Criador. Em tese, trata-se do maravilhamento em meio ao lamento¹⁵⁷, pois se trata de realidade perceptível que a Criação geme e sofre (Rm 8.22) e, por isso, Bayer aborda também o suspirar, suscitado pelo sofrimento causado pela violência humana, mas também pela expectativa intensa da consumação soteriológica já revelada, de forma que no

primeiro momento mencionado, o suspiro percebe o Criador como juiz. Quando Paulo diz que a Criação está sujeita à ‘vaidade’ (Rm 8.20), ele está se referindo a um contexto de culpa. Para o contexto hebraico, a palavra grega (ματαιότης) usada por Paulo — que foi completamente ignorada pelos intérpretes contemporâneos — significa o nada que vem com a mentira e o engano, isto é, o mau uso da linguagem, a incapacidade ou recusa deliberada de ouvir e responder, em suma: pecado. Com o pecado perdemos a glória original com a qual

¹⁵⁴ BAYER, 1990, p. 174-175.

¹⁵⁵ BAYER, 1990, p. 176.

¹⁵⁶ BAYER, 1990, p. 66. „*Wer den Widerspruch der leidenden und seufzenden Kreatur der alten Welt zur zugesagten Schöpfung, der ursprünglichen Welt, mit Schmerzen erfährt, der hält die Augen vor der Welt gerade nicht geschlossen, sondern läßt sie sich für die neu sichtbar werdende Herrlichkeit der Schöpfung öffnen; er staunt. Dieses Staunen ist etwas anderes als jene ungebrochene Kosmosfrömmigkeit, die gegenwärtig – in der ökologischen Krise – von nicht wenigen als Heilmittel empfohlen wird, nach der sich jedenfalls viele sehnen. (...) Es meint kein ästhetisch unmittelbares Verhältnis zur Natur. Vielmehr kommt es aus der Überwindung eines tiefen Burches, aus der Überwindung des Todes, der Todesmächte.*“

¹⁵⁷ BAYER, 1990, p. 172-174.

Deus Criador nos dotou para lidarmos corretamente com o mundo (Rm 3.23). Se ainda os tivéssemos, fariamos justiça aos nossos semelhantes e viveríamos em paz com eles. Se ainda tivéssemos a glória original e a liberdade que a acompanhava, então usaríamos bem o nosso poder — ou seja, apenas para transmitir, preservar e promover a vida que recebemos. Com a autoridade que nos foi dada para falar e pensar, permitiríamos liberdade aos animais e a todas as outras criaturas, encontrando ‘nomes’ para eles (cf. Gn 2.19) e, assim, entrando em um relacionamento ordenado e organizado com eles.¹⁵⁸ (tradução própria)

O “suspiro ainda não diminuiu”¹⁵⁹. O relacionamento da pessoa cristã com a Criação não é estético, como o é por parte dos gregos da Antiguidade. A pessoa cristã, como filha de Deus a partir do Batismo, recebe a “liberdade gloriosa” (Rm 8.21), presente na comunicação, dado que o ser humano é caracterizado, por Lutero e, por conseguinte, por Bayer como alguém que recebeu aptidões comunicativas que constituem-se em bases para o estabelecimento de relacionamentos, inclusive com Deus. A “liberdade gloriosa” é determinada pela obediência ao Criador resultante da dádiva soteriológica, que possibilita que o ser humano chame o Criador de Pai (Rm 8.15). Nessa obediência é que encontra-se espaço e fundamentação para qualquer empreendimento ecológico, pois esta acontece no presente. A nova vida é algo já do presente, mas que virá a ser consumada no futuro e, por isso, ambiguidades e dores no velho mundo continuam ainda sendo experimentadas e conduzem ao suspiro e ao gemido. É a tensão entre velho mundo e novo mundo. E nesse sentido, nem otimismo e tampouco pessimismo constituem-se em alternativas viáveis, e sim a “coragem de viver” (*Der Lebensmut*) decorrente do “Kyrie!”. É por causa do Crucificado que a Criação continua sendo sustentada e recebe a esperança da consumação. Por fim, vale mencionar que o ser humano, de fato, verá (*schauen*) e nesse verbo

¹⁵⁸ BAYER, 1990, p. 177. „Im zuerst angesprochenen Moment nimmt das Seufzen den Schöpfer als Richter wahr. Wenn Paulus von der Schöpfung sagt, sie sei der ‚Eitelkeit‘ unterworfen (Röm 8,20), so weist er in einen Schuldzusammenhang. Denn der – von den gegenwärtigen Auslegern durchweg unbedacht gelassene – hebräische Hintergrund des von Paulus gebrauchten griechischen Wortes (ματαιότης) meint das Nichtigte, das sich mit der Lüge und dem Betrug einstellt, also im Mißbrauch der Sprache besteht, in der Unfähigkeit oder willentlichen Weigerung, zu hören und zu antworten, kurz: in der Sünde. Mit der Sünde haben wir die ursprüngliche Herrlichkeit, mit der uns Gott der Schöpfer zum rechten Umgang mit der Welt begabt hat, verloren (Röm 3,23). Hätten wir sie noch, dann würden wir den Mitgeschöpfen Gerechtigkeit widerfahren lassen und im Frieden mit ihnen leben. Hätten wir die ursprüngliche Herrlichkeit und die mit ihr gegebene Freiheit noch, dann würden wir unsere Macht gut gebrauchen – nämlich allein dazu, das empfangene Leben weiterzugeben, zu bewahren und zu fördern. Wir würden mit der uns verliehenen Vollmacht zu reden und zu denken den Tieren und allen Mitgeschöpfen Freiheit lassen, indem wir für sie, Namen ‚finden (vgl. Gen 2,19f) und uns damit in einen ordnenden und geordneten Umgang mit ihnen begeben.“

¹⁵⁹ BAYER, 1990, p. 48. „Der Seufzer hat sich noch nicht erledigt.“

está contida a esperança da “revelação da liberdade gloriosa dos filhos de Deus”, bem como da superação da ocultação de Deus¹⁶⁰.

O Criador é o Orador que se comunica com as criaturas através das criaturas dentro do espaço do tempo¹⁶¹. Esse envolvimento com o tempo é denominada de entrelaçamento peculiar dos tempos (*eingentümliche Verschränkung der Zeiten*)¹⁶², pois tempo e eternidade se embrincam, o que acontece, especialmente, na comunicação dos aspectos divinos e humanos em Jesus Cristo, bem como na natureza da pessoa cristã, que como nova criatura a partir da obra de Jesus Cristo, se relaciona, numa dinâmica de tensão escatológica, com o antigo (2 Co 4.16). Essa tensão faz com o que o ser humano grite “*Maranatha!*”¹⁶³, que é pedido de consumação do mundo e, em última análise, o pedido pela remoção da abscondicidade de Deus. É uma espera pela vinda do Reino de Deus marcada pela esperança da fé e que sabe que este não pode ser construído pela proatividade humana¹⁶⁴. Lutar pela vinda do Reino de Deus e a efetivação da justiça se trata em buscá-lo, crendo em sua vinda¹⁶⁵. O Reino de Deus não diz respeito a algo meramente futuro, mas é algo já prontamente presente¹⁶⁶. Nesse sentido, mais uma vez Bayer ressalta que o tempo preponderante é o presente, dado que diz respeito à presença atuante de Deus, que assegura o futuro por meio da Nova Criação. A salvação é comunicada no presente e garante, no presente, a consumação do mundo¹⁶⁷ e, sob esse viés, pode-se falar de uma incorporação da doutrina da Criação pela escatologia¹⁶⁸. Assim, o entrelaçamento dos tempos de Rm 8.19-23 conduz o olhar meramente recordativo do passado da Criação e o abre para a consumação da Criação¹⁶⁹.

O ser humano é uma criatura assim como todas as outras criaturas de Deus, porém, possui uma posição especial (*Sonderstellung*) concedida pelo Criador e expressa na tarefa de nomeação dos animais (Gn 2.19) através de suas capacidades linguísticas e racionais. Ao ser humano compete “cultivar e guardar” o jardim (Gn

¹⁶⁰ BAYER, 1990, p. 178-181.

¹⁶¹ BAYER, 1990, p. 18. „*Ibi creator et creatura unus et idem est*“. Cf. LUTHER, Martin. **D. Martin Luthers Werke**: Schriften. Weimarer Ausgabe — WA. Weimar: Hermann Böhlhaus, 2007, v. 39/II. É interessante ainda a abordagem de Agostinho, citada por Bayer, a saber, que o presente referente ao presente é percepção, o presente referente ao passado é memória, e o presente referente ao futuro é expectativa (BAYER, 1990, p. 128).

¹⁶² BAYER, 1990, p. 128.

¹⁶³ BAYER, 1990, p. 137-138.

¹⁶⁴ BAYER, 1990, p. 139. Caso da “escatologia consequente” (*konsequente Eschatologie*) de Albert Schweitzer, segundo o qual, no lugar de uma compreensão bíblica vindoura, o Reino de Deus poderia ser construído através do empreendimento moral do ser humano. (BAYER, 1990, p. 153-154)

¹⁶⁵ BAYER, 1990, p. 150.

¹⁶⁶ BAYER, 1990, p. 141.

¹⁶⁷ BAYER, 1990, p. 130-131.

¹⁶⁸ BAYER, 1990, p. 28.

¹⁶⁹ BAYER, 1990, p. 57-58.

2.15)¹⁷⁰. Bayer questiona, por conta da sua fala de que as criaturas servem às necessidades dos seres humanos, se Lutero não defendeu algum modo de antropocentrismo e responde, em seguida, que na realidade, a perspectiva antropocêntrica apresentada na Bíblia, bem como dos tempos de Lutero, é diferente da perspectiva antropocêntrica moderna¹⁷¹. O serviço das criaturas aos seres humanos deveria levar a uma “admiração grata” (*dankbares Staunen*), pois se trata do cuidado de Deus para com as pessoas¹⁷². Para Bayer, o ser humano é um ser cultural por excelência que, para sua própria sobrevivência, precisa agir com “previdência, prognóstico e planejamento”¹⁷³. Ademais, de acordo com Lutero, o ser humano é um animal racional, que possui um coração fingido (*animal rationale, habens cor fingens*). Ainda mais, é um ser linguístico (*Sprachwesen*) que possui um coração idólatra, pois os deuses são produzidos pelos corações humanos e estão ali enraizados¹⁷⁴. Não pode viver dos instintos, assim como vivem os animais, mas precisa promover sua própria subsistência, de forma que age no presente com os olhos no futuro, a fim de criá-lo¹⁷⁵. Em vista disso, os ídolos constituem-se em tentativas de garantir o futuro, que nascem da preocupação¹⁷⁶. Oposto disso é a confiança em Deus que não procura garantir o futuro e resiste à *concupiscentia futurorum*, pois se volta para a promessa de Deus¹⁷⁷. No Sermão da Montanha encontra-se, de forma especial, o tema da preocupação que, se não é diferenciada entre necessária e irrelevante, ameaça agir como aquilo que reina sobre o ser humano e o mata. Tal preocupação é ligada à idolatria decorrente de colocar o coração inteiramente no esforço pela segurança da sua vida. Contra isso, Jesus remete ao primeiro mandamento e ordena que não haja espaço para a preocupação, pois Deus é Soberano também sobre a vida e a morte. É, em última análise, a abdicação da *concupiscentia futurorum*¹⁷⁸. Essa temática é temática escatológica, visto que remete ao tempo futuro. Conforme Mateus 6, Jesus profere a ordem de não preocupação que, para Bayer, não significa o incentivo à displicência, e sim “os coloca no reino da finitude e os liberta da pressão do infinito, isto é, das exigências absolutas sobre si mesmo e sobre os outros”¹⁷⁹. É a libertação da *concupiscentia futurorum*¹⁸⁰, que só pode ser enfrentada pela confiança em Deus, o

¹⁷⁰ BAYER, 1990, p. 145.

¹⁷¹ BAYER, 1990, p. 44.

¹⁷² BAYER, 1990, p. 101.

¹⁷³ BAYER, 1990, p. 145.

¹⁷⁴ BAYER, 1990, p. 141-142.

¹⁷⁵ BAYER, 1990, p. 142.

¹⁷⁶ BAYER, 1990, p. 133.

¹⁷⁷ BAYER, 1990, p. 135.

¹⁷⁸ BAYER, 1990, p. 144.

¹⁷⁹ BAYER, 1990, p. 132. „(...) weist sie aber in den Raum der Endlichkeit und befreit sie von dem Druck der Unendlichkeit, das heißt absoluter Ansprüche an sich und andere.“

¹⁸⁰ BAYER, 1990, p. 132.

que não impele à uma compreensão de desconsideração das próximas gerações, mas sim, à colocação da posição do ser humano do mundo que sabe que não pode garantir o sucesso do futuro somente com as obras de suas próprias mãos. A confiança em Deus não denota a ausência de preocupações, mas sim a não dominância por parte destas, de forma que são inertes para fins de condução a uma certa letargia. Segundo Lutero, no lugar da “preocupação da avareza” („*des Geizes Sorge*“) deve haver a preocupação que é ofício e que pertence ao Reino de Deus (*die Sorge tut's, die deines Amtes ist und zu Gottes Reich gehört*), que compreende a pregação da Palavra de Deus e o serviço ao próximo¹⁸¹.

Para Lutero, a Criação pode ser entendida como história. Contudo, essa compreensão não foi seguida, e Bayer aponta dois momentos históricos que contribuíram para isso, sendo a primeira, a compreensão da história orientada pelo conceito de progresso e a segunda, a transformação da antropologia em antropologia positiva, ou seja, que considera a natureza do ser humano como boa e as dinâmicas sociais como nocivas. Devido à crise ecológica, essa noção de progresso passou a ser questionada nas décadas de 70 e 80¹⁸². O reformador afirmava veementemente a maldade do coração humano e Bayer acusa a separação, operada especialmente por Descartes, entre sujeito e objeto, de forma que a natureza é vista somente como um objeto de pesquisa científica. O ser humano se torna juiz e não mais um jardineiro da natureza e passa a não ouvir mais a Deus através da Criação¹⁸³. Bayer percebe a dificuldade que há entre conciliar a ação presente de preservação do mundo por Deus e seu reino futuro vindouro. Em vista disso, faz-se necessário superar as alternativas progressistas e restaurativas, inspirando-se na compreensão de Lutero, que não é compatível com o “construtivismo do Iluminismo” (*Konstruktivismus der Aufklärung*), e nem com a “anamnese dos humanistas” (*der Anamnese der Humanisten*), oposta ao construtivismo. Nem a idealização do novo, e tampouco do antigo, mas um olhar determinado pelo entrelaçamento peculiar dos tempos para a irrupção de um novo futuro por Deus convém se fazer presente: a Nova Criação, que se faz palpável no presente no Batismo e na Ceia do Senhor¹⁸⁴.

Conforme Lutero a chave do mundo não consiste no número e sim na promessa de Deus¹⁸⁵. O mundo e o tempo são compreendidos pela apocalíptica, porém não em termos futuristas. O presente é o tempo mais importante, pois Deus se faz presente no presente, e é uma “presença falante” (*zusprechender Gegenwart*) permeada pela promessa da Nova Criação, de modo que a “salvação que está sendo

¹⁸¹ BAYER, 1990, p. 148-150.

¹⁸² BAYER, 1990, p. 46.

¹⁸³ BAYER, 1990, p. 25.

¹⁸⁴ BAYER, 1990, p. 51-52.

¹⁸⁵ BAYER, 1990, p. 52.

comunicada no presente garante a vindoura conclusão do mundo e permite que a criatura sofredora e suspirante da antiga obra experimente com dor a contradição à Criação prometida, o mundo original¹⁸⁶. Somente sob a perspectiva do entrelaçamento peculiar dos tempos, é que se pode tratar da responsabilidade humana com a Criação perante o Criador¹⁸⁷, o que denota que é o Batismo que estabelece a responsabilidade humana pela Criação, pois este sacramento é essa intersecção entre o velho e o novo mundo e somente no seu retorno é que pode-se encontrar progresso ético. Em suma, a “Nova Era” (*New Age*) é determinada pelo Batismo¹⁸⁸.

A ética cristã é determinada pela “bondade do dom categórico” (*der Güte der kategorischen Gabe*) ao invés do imperativo categórico (*kategorischen Imperativs*), o que significa, concretamente, que a pessoa que percebe a sua própria vida como dom categórico, e assim também a existência das outras criaturas, percebe a vida como um todo como dádiva de Deus¹⁸⁹ e passa a possuir atitudes que não venham a ferir essas dádivas. Nesse sentido, existe progresso ético entre o antigo e o novo, e entre a vida do presente e a vida do futuro, mas esse progresso não deve ser entendido como progresso soteriológico e, sim, como “progresso mundano” (*weltlicher Fortschritt*), que diz respeito às boas obras. Trata-se da esquecida distinção — o que aconteceu na Era Moderna, que passou a simplesmente evitar a diferenciação entre política e religião — entre progresso ético e progresso metafísico. Diante disso, em conformidade com Bayer, é evidente a necessidade de redescobrimto da “mundanidade” (*Weltlichkeit*) de Lutero, que estima a percepção do mundo como Criação da promessa de Deus e por esta continuamente sustentada e, esta é, justamente, a “estética” (*Ästhetik*) de Lutero. Falar da Criação em Lutero é falar desse entrelaçamento do ensinamento da Criação e da escatologia” (*Die Verschränkung von Schöpfungslehre und Eschatologie*), mas também da mundanidade de Deus (*sein Verständnis von Gottes weltlichem Regiment*)¹⁹⁰.

4 POR UMA ÉTICA LUTERANA DA CRIAÇÃO NO HORIZONTE ESCATOLÓGICO: CAMINHOS PARA A REFLEXÃO

É perceptível que Bayer oferece uma interpretação de Lutero, e também de Hamann, que traz contribuições preciosas para as discussões ético-ambientais atuais, especialmente em se tratando da questão emergente das mudanças climáticas,

¹⁸⁶ BAYER, 1990, p. 163. „Das gegenwärtig sich mitteilende Heil verbürgt die kommende Vollendung der Welt und läßt den Widerspruch der leidenden und seufzenden Kreatur der alten Werk zur zugesagten Schöpfung, der ursprünglichen Welt, mit Schmerzen erfahren.“

¹⁸⁷ BAYER, 1990, p. 52.

¹⁸⁸ BAYER, 1990, p. 163.

¹⁸⁹ BAYER, 1990, p. 167-168.

¹⁹⁰ BAYER, 1990, p. 53-54.

no âmbito eclesial. Tendo sob pano de fundo as reflexões anteriores, pretende-se a seguir, brevemente, apresentar alguns aportes dos documentos publicados pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) – ou vinculados a esta –, sob os critérios colocados por Lutero e Bayer, que, evidentemente, apontam para as Sagradas Escrituras, como seu fundamento. Esses documentos são: o caderno de estudos intitulado **Deus, criação e mudanças climáticas: subsídios para reflexão e debate**¹⁹¹; a notícia **Vida, terra e ecoteologia: reconexões**¹⁹², que repercute um documento do mesmo nome¹⁹³; as **Metas Missionárias 2025-2030**¹⁹⁴; a **Cartilha Juventudes & Justiça Ambiental**¹⁹⁵; o **Manifesto do Conselho da Igreja da Presidência da IECLB**¹⁹⁶; e a **Carta Pastoral — O Cuidado com a Criação**¹⁹⁷. Para uma compreensão da análise a seguir apresentada, incentiva-se a leitura integral dos documentos mencionados. O texto a seguir é um resumo da explanação crítica, com inclusões de comentários reflexivos, já empreendida pela pesquisadora e por isso alguns termos, expressões ou trechos são simplesmente transcritos¹⁹⁸.

É evidente que reflexão a respeito das mudanças climáticas está atrelada à vivência cristã, porém, o desafio se torna refletir os desafios ético-ambientais em consonância bíblico-confessional. Na perspectiva de muitas pessoas, as mudanças climáticas denotam tragédias emergentes e um futuro instável, o que é efeito da configuração embaralhada do mundo pelo pecado. À luz disso, o documento **Deus, criação e mudanças climáticas: subsídios para reflexão e debate** da FLM¹⁹⁹ destaca

¹⁹¹ FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL — FLM. **Deus, criação e mudanças climáticas: subsídios para reflexão e debate**. Porto Alegre: IECLB, 2010. (doravante citado como FLM, 2010).

¹⁹² WENDLAND, Carine; OLIVEIRA, Maurício Klug de. **Vida, terra e Ecoteologia: reconexões**. Portal Luterano, 2023. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/vida-terra-e-ecoteologia-reconexoes/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

¹⁹³ WENDLAND, Carine Josiéle; OLIVEIRA, Maurício Klug de (orgs.). **Terra, vida e ecoteologia: reconexões**. São Leopoldo: IECLB, 2023. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/terra-vida-e-ecoteologia-reconexoes/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

¹⁹⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL — IECLB. **Metas Missionárias 2025-2030**: do atendimento e da manutenção para o crescimento integral. Porto Alegre: IECLB, 2025, p. 40.

¹⁹⁵ CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE EVANGÉLICA — CONAJE. **Juventudes e Justiça Ambiental**. Porto Alegre: IECLB, 2022, p. 4. (doravante, será citado como CONAJE, 2022).

¹⁹⁶ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL — IECLB. **Manifesto do Conselho da Igreja e da Presidência da IECLB**. Porto Alegre: IECLB, 2023, p. 1-2. Disponível em: https://legado.luteranos.com.br/_arquivos/202306/bac14759920ebdd0a25833078da89382.pdf. Acesso em: 24 abr. 2025.

¹⁹⁷ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL — IECLB. **Carta Pastoral — O Cuidado com a Criação**. Porto Alegre: IECLB, 2024, p. 1-3. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/carta-pastoral-o-cuidado-com-a-criacao-2024/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

¹⁹⁸ Para a leitura integral dessa análise leia GATSK, Aline Weimann. **O cristão e as mudanças climáticas: ética luterana entre Criação e Nova Criação**. 2025. 117p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) — Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, 2025, p. 99-115.

¹⁹⁹ FLM se refere à Federação Luterana Mundial, organização que reúne diversas igrejas luteranas, somando 154 Igrejas-membro de 99 países e, assim, 78 milhões de pessoas luteranas. Para saber mais

corretamente que o cerne do problema das mudanças climáticas é o pecado como a quebra do relacionamento entre Deus e o ser humano, o que levou ao distanciamento entre ser humano e Criação²⁰⁰. Logo, às mudanças climáticas são atribuídas causas antropogênicas e estas podem ser definidas como um protesto da Criação, que gera efeitos como, por exemplo, enchentes e estiagens, de modo que o mundo deixou de ser experienciado de lar para um deserto. Esse cenário é extremamente experienciável para as pessoas membras da IECLB, manifestado especialmente pelas orações de intercessão nos cultos, que vão desde o pedido a Deus pelo auxílio a pessoas que sofreram com enchentes até o pedido pela dádivas das chuvas às localidades afetadas por estiagens. Portanto, refletir sobre as mudanças climáticas é refletir sobre uma realidade tangível, que pode levar ao fortalecimento da fé em Deus em meio às dificuldades ou à constatação de dúvidas quanto à sua presença ativamente misericordiosa.

Com a modernidade, o ser humano, notadamente no contexto urbano, passou a não ter mais um contato tão próximo com a natureza, fato este precisamente apontado pelo documento da FLM, pela Cartilha **Juventudes & Justiça ambiental** e pelo texto **Vida, terra e ecoteologia: reconexões**. Em vista disso, faz-se necessário a restauração de uma denominada cultura de percepção da natureza, que não se trata de estritamente visual, mas sim, como aquele milagre de santificação mencionado por Bayer, a saber, a cura da cegueira e da mudez para com a Criação, por meio do qual Deus se dirige às criaturas. Apesar da configuração como versos embaralhados decorrentes do pecado, a Criação continua sendo boa e continua sendo preservada pelo Criador. A partir do milagre de santificação, a natureza passa a ser percebida além do seu aspecto material para a boa Criação de Deus que é obra falante. O mundo passa a ser percebido pelos olhos da gratidão, como dádiva do Doador categórico, apesar da ocorrência de tragédias climáticas. Em aparente consonância com essa reflexão, o documento da FLM registra a importância da percepção do ser humano como “criatura em meio à criação”²⁰¹, envolvendo assim, a compreensão de que o ser humano foi colocado por Deus como administrador da Criação não para usurpá-la e destruí-la, mas para cuidá-la e utilizar das suas propriedades de forma benéfica ao ser humano. Por isso, cabe ao ser humano lembrar que também as outras criaturas, para além de si mesmo, foram criadas por Deus, o que reverbera em uma mudança de posicionamento e atitudes para com o meio ambiente. Sendo assim, em função do milagre de santificação, olhos e ouvidos são abertos, o que conduz à cons-

acesse: THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. **Who We Are**. Geneva: The Lutheran World Federation, [s.d.]. <https://lutheranworld.org/who-we-are>. Acesso em: 25 nov. 2025.

²⁰⁰ FLM, 2010, p. 34.

²⁰¹ FLM, 2010, p. 29.

ciência da Criação cercada pelo suspirar ocasionado pelos sofrimentos experimentados no presente, bem como ao maravilhamento e à admiração grata por sua existência.

É perceptível que a teologia, na sua história, teve dificuldades em abordar a relação entre Criador e Criação. Por isso, como apontado pelo documento da FLM, percebe-se a necessidade de transformação da percepção da natureza do Criador diante da Criação, que não se alinhe nem ao panteísmo e tampouco ao distanciamento e exclusivismo, como ocorreu com os já mencionados spinozismo e a teologia dialética. Nesse contexto, faz-se perspicaz a crítica efetuada por Leonardo Boff, de que o cristianismo, historicamente, só direcionou seus olhos para o transcendente e ignorou o imanente²⁰², porém, por outro lado, nota-se aqui o desenvolvimento de uma “teologia estritamente imanentista”, com retoques amnésicos do transcendente. Portanto, é significativo o resgate do pensamento de Lutero abordado por Bayer acerca da mundanidade de Deus. Deus não se afastou da sua Criação, e por isso não pode ser associado ao Deus segundo a concepção deísta. Antes, Deus se faz profundamente próximo da sua Criação, fala com ela e através dela. Contudo, não é inverídica e ilegítima a percepção de um certo distanciamento de Deus, pois ele também se oculta, o que é apontado exitosamente pelo documento da FLM ao expressar que Deus é “Deus revelado” que está “encoberto em toda a criação”²⁰³, o que é frequentemente sentido e questionado pelos cristãos que foram afetados por tragédias ambientais. Apesar dessa realidade de presença profundamente próxima, faz-se necessário o zelo para que não seja desenvolvida uma confusão ou dissolução entre o Criador e a criatura. Na **Cartilha da JE**²⁰⁴ está escrito sobre a sacralidade e o protagonismo da Criação na história²⁰⁵, o que é questionável, dado que a consideração da Criação como sagrada só pode se dar na medida em que ela é percebida como boa Criação que recebeu sua existência de Deus — *creatio* — e que continua sendo valorizada por causa do seu agir sustentador — *conservatio*.

Outro detalhe que importa ser analisado criticamente é a nomeação de “mãe terra” ou *Pachamama* presentes no texto **Vida, terra e ecoteologia: reconexões**²⁰⁶. No lugar de uma reflexão de Deus como Criador, bebe-se de tradições religiosas não cristãs para a fundamentação do cuidado da Criação e a confessionalidade em sua preciosidade é gravemente negligenciada. A terra não concentra em si poder próprio, mas recebe potencial gerador de vida do Criador. Um segundo aspecto trata da compreensão da ecologia com concentração própria de dons soteriológicos, em outras

²⁰² CONAJE, 2022, p. 8.

²⁰³ FLM, 2010, p. 21.

²⁰⁴ JE se refere à Juventude Evangélica, o setor de trabalho com jovens dentro da IECLB.

²⁰⁵ CONAJE, 2022, p. 7.

²⁰⁶ WENDLAND; OLIVEIRA, 2023, p. 52.

palavras, a opinião de que a sobrevivência do mundo depende unicamente das atitudes ecológicas do presente²⁰⁷. Utilizando-se de linguagem semelhante, Boff escreveu que a sobrevivência do mundo depende da ecologia, o que consiste, no cerne, em uma teologia imanentizada que conduz ao desespero. Em contrapartida, uma teologia transcendentalizada conduz à inércia ética. Assim, importa que haja o cuidado do uso da linguagem da justificação dentro das reflexões quanto ao relacionamento entre ser humano e Criador. No documento da FLM, encontra-se registrado que o ser humano é justificado pela graça na sua relação com a natureza e condenado na sua falta de misericórdia para com a natureza²⁰⁸. Essa asserção passa a ideia de uma inversão da relação entre fé e ética, como se o ser humano recebesse sua salvação de acordo com suas atitudes para com a natureza, o que não se coaduna com o Evangelho e, por conseguinte, com a confessionalidade luterana que postulam que o ser humano é justificado por graça mediante a fé no seu relacionamento com Deus e que a Criação é o espaço da justificação e o meio da sua alocação. Em sua abscondicidade, Deus se faz presente na vida do ser humano sofredor, o que é revelado, como menciona o documento da FLM, na cruz²⁰⁹. O mundo é espaço da salvação e de atuação do Espírito Santo em sua ação sustentadora, porém, não de forma restrita, pois a Criação será também redimida e restaurada.

É importante refletir sobre o lugar e o papel do ser humano em relação à Criação. Como já mencionado, Irrgang destacou que Deus concedeu ao ser humano a capacidade de interpretar o mundo, ou seja, o ser humano é criatura dotada de capacidade hermenêutica. Bayer afirmou que o ser humano não pode mais ouvir Deus através das criaturas, o que implica também no dom da interpretação, e para que isso ocorra novamente é necessário que ocorra o milagre de santificação. O ser humano secularizado não consegue perceber a natureza como Criação de Deus e, diante da ocultação de Deus, já não pergunta mais por sua existência, de forma que o mundo secularizado aparta-se de Deus e, por conseguinte, em face das mudanças climáticas e das tragédias decorrentes, se desespera e busca uma ética com facetas de desespero e alarmismo. Entretanto, a crise ecológica e o desespero somente são iluminados no retorno ao Criador. A *creatio continua* nos anuncia a esperança em meio às tragédias e inseguranças presentes no mundo, e convida à confiança em Deus, que se faz sempre presente na sua Criação e que a continua preservando. No entanto, a *creatio continua* não é um convite para a passividade, mas sim, para a proatividade movida pela fé. A Criação é dádiva do Doador categórico. O imperativo é precedido pelo indicativo.

²⁰⁷ WENDLAND; OLIVEIRA, 2023, p. 14.

²⁰⁸ FLM, 2010, p. 22.

²⁰⁹ FLM, 2010, p. 23.

O antropocentrismo moderno não é conciliável com o *dominium terrae* e, nesse sentido, o documento da FLM denuncia corretamente o antropocentrismo antibíblico e moderno²¹⁰, determinado pela razão instrumental e que trata a natureza como um objeto a ser utilizado. Também o **Manifesto do Conselho da Igreja da Presidência da IECLB** critica o antropocentrismo²¹¹. Portanto, importa a diferenciação entre antropocentrismo bíblico do moderno. Ademais, as abordagens fisio-cêntricas não são aceitáveis de acordo com o ponto de vista bíblico. Exemplo aqui é o ecocentrismo, sustentado na notícia **Vida, terra e ecoteologia**: reconexões, que promove uma perspectiva mais interligada entre ser humano e natureza, o que é, até certo ponto, correto, pois há uma certa interdependência entre os diversos seres nos ecossistemas. Contudo, é fundamental que não haja a promoção de uma equiparação entre ser humano e Criação. O ser humano é uma criatura dentre várias, porém recebeu uma função singular do Criador: o domínio sobre todas as criaturas, que denota não o exercício autoritário dessa função, mas sim, o cuidado e o zelo. Sob esse aspecto, a **Carta Pastoral — O Cuidado com a Criação** aponta acertadamente contra uma falsa compreensão do *dominium terrae*²¹². Sendo assim, o *dominium terrae* é o cuidado responsável da Criação pelo ser humano, como consequência da graça divina que o motiva ao serviço obediente como *ethos* de amor. A superioridade do ser humano, que é moral e linguística, é dádiva de Deus e, diante disso, propõe-se um antropocentrismo cristão orientado teologicamente, que parte da compreensão do ser humano como alguém *coram Deo*, compreendido a partir de Deus, e assim também na relação ético-ambiental. Contudo, a natureza também não deve ser valorizada somente na medida do seu potencial de beneficiamento ao ser humano, mas sim, como Criação que possui valor extrínseco, ou seja, que recebe seu valor no relacionamento com Deus. Em última análise, trata-se de valor intrínseco procedente do *valor extrínseco*.

O antropocentrismo cristão orientado *coram Deo* consiste no exercício responsável do *dominium terrae*, que não é pautado pela passividade ou pelo desespero, mas sim proatividade que parte do indicativo gracioso de Deus, que considera e busca também a denominada justiça-socioambiental. E, nesse sentido, é significativa a iniciativa da IECLB em incluir essa pauta dentro das suas **Metas Missionárias 2025-2030**²¹³. É importante aqui, que as discussões sobre justiça intra e intergeracional e responsabilidade retrospectiva e prospectiva sejam inseridas dentro da ótica do entrelaçamento peculiar dos tempos, apresentado por Bayer a partir de Lutero e, por meio do viés do tempo, discutido por Gräß-Schmidt. Ainda mais, de modo que

²¹⁰ FLM, 2010, p. 17.

²¹¹ IECLB, 2023, p. 1-2.

²¹² IECLB, 2024, p. 1-3.

²¹³ IECLB, 2025, p. 40.

a justiça não seja buscada através da motivação da *concupiscentia futurorum*, e sim, na confiança em Deus que reconhece que o futuro pertence a Deus, contrapondo-se assim, à afirmação de Boff de que o fim do mundo é empreendimento do ser humano e não de Deus, o que consiste em esvaziamento escatológico. No entanto, isso não abre espaço para o desleixo ético-ambiental e sim, de colocar as preocupações no lugar correto, de modo que não domine, paralise e faça o ser humano se desesperar. É a permuta da “preocupação da avareza” para a preocupação do reino de Deus, que motiva no serviço responsável a Deus que preza pelo cuidado da Criação e das futuras gerações. Portanto, uma compreensão ético-ambiental, posta dentro do horizonte escatológico, conduz à asserção de que a salvação e a justiça não são plenificadas no presente, embora possam ser experimentadas, mas sim, no futuro e, diante disso, a justiça socioambiental, como empreendimento humano, possui suas limitações. O entrelaçamento peculiar dos tempos oferece uma visão saudável, dado que conduz ao impedimento de um olhar reducionista, tanto para o presente quanto para o futuro, e, assim, de atitudes tanto de desespero quanto de fuga ou passividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças climáticas são presentes e extremamente experienciais, e em vista dos desafios delas decorrentes, é recomendável sua discussão dentro de uma denominada ética luterana, diante dos seus desafios apresentados, o que repercute na atuação ministerial, considerando que ministros e ministras são desafiados, nesse sentido, no exercício da poimênica. É no relacionamento com Deus, *coram Deo*, que o ser humano tem seus olhos abertos para perceber a Criação e é motivado e capacitado a agir com zelo e responsabilidade, como determinado no *dominium terrae*. Ainda mais, como pessoa batizada, que se sabe chamada e responsável. Essa ética necessita ser refletida dentro do entrelaçamento peculiar dos tempos, ou seja, dentro do horizonte escatológico, que considera a irrupção da Nova Criação na presente Velha Criação o que, implica, em um posicionamento do cristão marcado pela proatividade ético-ambiental — e não por uma passividade face à realidade da Nova Criação —, alicerçada na vivência do presente como realidade escatológica que é dádiva do Doador a ser recebida com gratidão. Além disso, o posicionamento da pessoa cristã deve ser marcado pela confiança em Deus e na sua *promissio*, em sua realidade de mundanidade e abscondicidade, e não no desespero e no alarmismo. É a visão do futuro, que se encontra alicerçada no presente. Ademais, o cristão não é chamado a exercer um posicionamento negacionista, visto que a realidade das mudanças climáticas como decorrentes do pecado é evidente; e também não um posicionamento otimista baseado no progresso humano, e assim, uma espécie de crença em uma soteriologia humana, o que é inconsistente com a realidade da fragilidade humana, que por mais que se desenvolva, sempre encontra suas limitações; e nem

com um posicionamento pessimista, dado que há esperança devido ao agir escatológico de Deus.

Portanto, o resgate do pensamento de Martinho Lutero e Oswald Bayer é de suma importância para a atualidade e para o futuro. É mensagem de esperança que motiva a atitudes contrárias ao desespero e à letargia. Perceber a Criação como obra falante de Deus só é factível pelo milagre de santificação, que abre olhos e ouvidos e leva ao maravilhar, suspirar e ao ver de fato e que, conduz, a um posicionamento que não é caracterizado pela ignorância do negacionismo, pelo alarmismo desesperado, pela ingenuidade do otimismo, ou por proatividade e passividade cegas, mas sim pela confiança em Deus, em sua *promissio*, que motiva à prática da ética do amor, que contém em si o exercício da justiça e da responsabilidade. É a confiança orientada pela esperança escatológica em meio aos desafios ambientais e, é essa mensagem, que a Igreja Cristã, e aqui especialmente a IECLB, é chamada a anunciar, de forma que corações sejam consolados e motivados ao exercício da sua fé, mesmo diante das tragédias ambientais.

6 REFERÊNCIAS

BAYER, Oswald. Ética da Dádiva. In: **Vox Scripturae — Revista Teológica Internacional**. São Bento do Sul, v. 27, n.1, jan.-abr./2019, p. 67. Disponível em: [https://doi.org/10.25188/FLT-VoxScript\(eISSN2447-7443\)vXXVII.n1.p67-90.OB](https://doi.org/10.25188/FLT-VoxScript(eISSN2447-7443)vXXVII.n1.p67-90.OB). Acesso em: 21 out. 2025.

BAYER, Oswald. Johann Georg Hamann. In: GISEL, Pierre; KAENNEL, Lucie. **Enciclopédia do protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 738-739.

BAYER, Oswald. **Schöpfung als Anrede**: zu einer Hermeneutik der Schöpfung. 2. erw. Aufl. Tübingen: Mohr Siebeck, 1990.

CAVALCANTI, Maria Clara Catanho. Antropoceno: a construção discursiva de um conceito. In: **Revista Investigações**. Recife, v. 34, n. 2, 2021, p. 1-28. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/247502>. Acesso em: 31 mai. 2025.

CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE EVANGÉLICA — CONAJE. **Juventudes e Justiça Ambiental**. Porto Alegre: IECLB, 2022.

DEUTSCHER ETHIKRAT. **Elisabeth Gräb-Schmidt**. Berlin, [s.d.] Disponível em: <https://www.ethikrat.org/ueber-uns/mitglieder/elisabeth-graeb-schmidt/>. Acesso em: 13 maio 2025.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL — FLM. **Deus, criação e mudanças climáticas**: subsídios para reflexão e debate. Porto Alegre: IECLB, 2010.

GATSK, Aline Weimann. **O cristão e as mudanças climáticas**: ética luterana entre Criação e Nova Criação. 2025. 117p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) — Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, 2025.

GRÄB-SCHMIDT, Elisabeth. Umweltethik. In: HUBER, Wolfgang; MEIREIS, Torsten; REUTER, Hans-Richard (Hg.). **Handbuch der Evangelischen Ethik**. München: C.H.Beck, 2015, p. 649-709.

GRÄB-SCHMIDT, Elisabeth. Umweltethik. In: HUBER, Wolfgang; MEIREIS, Torsten; REUTER, Hans-Richard (Hg.). **Handbuch der Evangelischen Ethik**. München: C.H.Beck, 2015, p. 649-709.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL — IECLB. **Manifesto do Conselho da Igreja e da Presidência da IECLB**. Porto Alegre: IECLB, 2023, p. 1-2. Disponível em: <https://legado.luteranos.com.br/arquivos/202306/bac14759920ebdd0a25833078da89382.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL — IECLB. **Manifesto do Conselho da Igreja e da Presidência da IECLB**. Porto Alegre: IECLB, 2023, p. 1-2. Disponível em: <https://legado.luteranos.com.br/arquivos/202306/bac14759920ebdd0a25833078da89382.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2025.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL — IECLB. **Metas Missionárias 2025-2030**: do atendimento e da manutenção para o crescimento integral. Porto Alegre: IECLB, 2025.

IRRGANG, Bernhard. **Christliche Umweltethik**: eine Einführung. München: Reinhardt, 1992.

JERONIMO, Maria Keila; CARVALHO, Denis Barros. A natureza, a técnica e a emergência de uma ética ambiental. In: **Revista Húmus**. São Luís, vol. 11, n. 32, 2021, p. 35-56. Disponível em: <https://periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/16476/0> Acesso em: 31 mai. 2025.

KÖRTNER, Ulrich H. J. **Vergängliche Schöpfung**. Schöpfungsglaube und Gottvertrauen in der Klimakrise. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt GmbH, 2024.

LAZZARETTI, Lucas. A antiestética estetizante de Hamann: os eflúvios do gênio pré-romântico. In: **Aletria**. [S.l.], v. 34, n. 1, 2024, p. 80. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/46438>. Acesso em 14. abr. 2025.

LOPES, Sergio de Farias. Ética ambiental: breve revisão e desafios futuros. In: **Revista de Educação Ambiental**. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG. [S.l.], v. 28, n. 1, jul./2023, p. 1-30. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/15515/10250>. Acesso em 14. abr. 2025.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas**: Interpretação do Antigo Testamento: Textos Seleccionados da Preleção sobre Gênesis. São Leopoldo, RS: Sinodal; Concórdia, 2014.

LUTHER, Martin. **D. Martin Luthers Werke**: Schriften. Weimarer Ausgabe — WA. Weimar: Hermann Böhlhaus, 2007, v. 39/II.

LUTHER, Martin. **D. Martin Luthers Werke**: Schriften. Weimarer Ausgabe — WA. Weimar: Hermann Böhlhaus, 2007, v. 56.

LUTHER, Martin. **D. Martin Luthers Werke**: Schriften. Weimarer Ausgabe — WA. Weimar: Hermann Böhlhaus, 2007, v. 57.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. 2. ed. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

OTT, Konrad; DIERKS, Jan; VOGET-KLESCHIN, Lieske (Hrgs.). **Handbuch Umweltethik**. Stuttgart: J. B. Metzler, 2016.

POZETTI, Valmir César; COSTA, Francimara Souza; NETO, Aluizio da Silva Ribeiro. Ética, bioética e questões ambientais: um olhar reflexivo sobre a sustentabilidade. In: **Administração de empresas em revista**. Curitiba, v. 3, n. 33, jul./set. 2023, p. 1002-1026. Disponível em: <https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/6626>. Acesso em: 31 mai. 2025.

REDER, Michael; GÖSELE, Andreas; KÖHLER, Lukas; WALLACHER, Johannes. **Umweltethik**. Eine Einführung in globaler Perspektive. Stuttgart: W. Kohlhammer GmbH, 2019. Disponível em: <https://pt.eve-rand.com/read/424604504/Umweltethik-Eine-Einfuehrung-in-globaler-Perspektive#>. Acesso em: 12 mai. 2025.

RENK, Valquiria; GUEBERT, Mirian Celia Catellain; ENNS, Cristoph. Bioética ambiental: aproximações entre Fritz Jahr e Van R. Potter. In: **Revista Iberoamericana de Bioética**. Madrid, n. 17, 2021, p. 1-13. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/bioetica-revista-iberoamericana/article/view/17011>. Acesso em: 31 mai. 2025.

RUIZ, Castor Bartolomé; MACIEL, Joelson de Campos. A ética do cuidado do outro e a bioética ambiental. In: **Revista Bioética**. Brasília, v. 28, n. 3, jul./set. 2020, p. 440-448. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/2196. Acesso em: 31 mai. 2025.

SALMI, Frederico. Ética climática e categorias analíticas: potencial teórico-normativo para formuladores de políticas. In: **Revista Geotemas**. Pau dos Ferros, RN,

v. 11, 2011, p. 1-25. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GE-OTemas/article/view/2951>. Acesso em: 31 mai. 2025.

SANTOS, Valdeci Ribeiro dos; RIBEIRO, Wallace Cabral. Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. In: **Kínesis** – Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia. Marília/SP, v. 12, n. 33, 2020, p. 199-203. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/11358>. Acesso em: 13 mai. 2025.

THE LUTHERAN WORLD FEDERATION. **Who We Are**. Geneva: The Lutheran World Federation, [s.d.]. <https://lutheranworld.org/who-we-are>. Acesso em: 25 nov. 2025.

WENDLAND, Carine Josiéle; OLIVEIRA, Maurício Klug de (orgs.). **Terra, vida e ecoteologia: reconexões**. São Leopoldo: IECLB, 2023. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/terra-vida-e-ecoteologia-reconexoes/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

WENDLAND, Carine; OLIVEIRA, Maurício Klug de. **Vida, terra e Ecoteologia: reconexões**. Portal Luterano, 2023. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/vida-terra-e-ecoteologia-reconexoes/>. Acesso em: 24. abr. 2025.

WIESE, Werner. **Ética fundamental: critérios para crer e agir**. São Bento do Sul, SC: União Cristã, 2008.

ZEIDERS, Warren. *Outskirts of Heaven*. In: **Pretty Little Poison (Deluxe)**. [S. l.]: Warner Records, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/5KXby-zTsscZxOk7CGV3pSD>. Acesso em: 3 nov. 2025.